

Direito e Literatura
nos 100 anos de Modernismo no Brasil

A (IN)JUSTIÇA NA OBRA DE ANNIE ERNAUX: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DE NANCY FRASER

(IN)JUSTICE IN ANNIE ERNAUX'S LITERARY WORK: AN ANALYSIS BASED ON NANCY FRASER'S THEORY

Daniela Simões Azzolin¹
Nathalia Silveira de Almeida²

“Como não se questionar sobre a vida sem o fazer também na escrita? Sem se perguntar se esta conforta ou perturba as representações admitidas, interiorizadas sobre os seres e as coisas? Será que a escrita insurgente, pela sua violência e pelo seu escárnio, não reflete uma atitude de dominado?”

Annie Ernaux, em seu discurso ao aceitar o Prêmio Nobel de Literatura em 2022³.

RESUMO: O estudo objetiva averiguar a interseccionalidade entre as obras de Annie Ernaux e a teoria de justiça de Nancy Fraser, sobretudo a partir do questionamento acerca da capacidade da literatura em repercutir, em algum grau, na construção social da ideia de justiça. Annie, vencedora do prêmio Nobel de literatura por suas obras classificadas como auto ficção, põe à prova as noções tradicionais de humanidade e justiça. Em sua obra, que denominou como “etnografia de si”, Ernaux revela ao leitor uma jornada de trauma e experiência que é ao mesmo tempo fria e comovente, fazendo questionar imposições sociais custosas aos ideais de justiça teóricos. A começar pela leitura de dois dos livros já publicados no Brasil, “O lugar” e “O acontecimento”, a pesquisa se desenvolve pelo meio dedutivo, aproximando como os curtos enredos trabalharam a ideia de justiça, traçando um paralelo com a realidade sob o ponto de vista do ordenamento jurídico e social. A abordagem da temática se dá pelo procedimento bibliográfico, a partir da teoria de Nancy Fraser. A análise demonstra como a literatura, através de sua lente provocadora, retrata a ideia de justiça em suas histórias e o quanto ela se aproxima e se afasta do Direito.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Justiça; Direito; Annie Ernaux; Nancy Fraser.

ABSTRACT: The study aims to investigate the intersectionality between the works of Annie Ernaux and Nancy Fraser's theory of justice, especially from the point of view of questioning the capacity of

¹ Mestranda em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG, na cidade de Rio Grande-RS, Brasil, <http://lattes.cnpq.br/0703775829732455>, nsdealmeida@gmail.com

² Mestranda em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG, na cidade de Rio Grande-RS, Brasil, <http://lattes.cnpq.br/6033761998099093>, danielaazzolin@hotmail.com

³ Excerto retirado da matéria “Discurso de Annie Ernaux ao aceitar o Prêmio Nobel de Literatura”, disponível em: <https://grabois.org.br/2022/12/16/discurso-de-annie-ernaux-ao-aceitar-o-premio-nobel-de-literatura/>. Acesso em 29 de jan. de 2022.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

literature to have an impact, to some degree, on the social construction of the idea of justice. Annie, winner of the Nobel Prize for Literature for her works classified as self-fiction, puts traditional notions of humanity and justice to the test. In his work, which he called “ethnography of the self”, Ernaux reveals to the reader a journey of trauma and experience that is both cold and moving, making him question costly social impositions on theoretical ideals of justice. Starting with the reading of two of the books already published in Brazil, “O Lugar” and “O acontecimento”, the research is developed through deductive means, approaching how the short plots worked the idea of justice, drawing a parallel with the reality from the point of view of the legal and social order. The theme is approached through a bibliographical procedure, based on Nancy Fraser's theory. The analysis demonstrates how literature, through its provocative lens, portrays the idea of justice in its stories and how much it approaches and departs from Law.

KEYWORDS: Literature; Justice; Law; Annie Ernaux; Nancy Fraser.

1. INTRODUÇÃO

Se é a vida que inspira as histórias ou as histórias que inspiram a vida, isso depende. Tem histórias que fogem da realidade, outras nos trazem pra dentro dela. História não é receita de bolo, mas uma boa história pode ensinar uma receita de forma eficaz. Esse é o poder da narrativa, poder que pertence tanto à arte literária quanto à jurídica. E, não é de hoje que literatura e Direito encontram ponto de interseccionalidade em seus caminhos. Assim, questiona-se: o envolvimento proporcionado pela literatura influencia em algum grau na construção social da ideia de justiça?

O presente trabalho visa analisar como as obras de Annie Ernaux, francesa de 82 anos, vencedora no prêmio Nobel de literatura em 2022, podem despertar sensações de e formar a opinião pública sobre justiça ou injustiça, contrastando as narrativas com a teoria de justiça de Nancy Fraser.

O propósito deste estudo é, a partir de duas das obras já publicados no Brasil, “O lugar”, e “O acontecimento”, comentar padrões que podem repercutir no pensamento e comportamento social e que favorecem a continuidade do sentimento injustiça e aceitação de opressões sociais como determinantes de um destino inevitável.

A proposta surgiu a partir da constatação do contraste entre a abordagem formal do Direito e o senso de luta e justiça que a retórica da literatura Ernauxiana desperta. Para tanto, se parte de uma breve introdução e contextualização sobre Annie Ernaux e suas obras, seguindo

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

para a análise e traçando o paralelo entre as obras e a teoria de justiça de Nancy Fraser e, por fim, chegando à discussão sobre a interseccionalidade entre a ficção e o real, no aspecto social, e a possível repercussão da construção do ideal de justiça através da literatura.

A metodologia a ser empregada é a dedutiva, por meio do levantamento bibliográfico e análise das obras literárias, além da análise interpretativa, premissa para a construção de debates sobre assunto tão urgente e necessário quanto é a justiça social. A relevância da pesquisa revela-se na importância de se descobrir novas soluções para as mazelas sociais contemporâneas, a partir da análise de obras literárias que permitem a construção e reconstrução da justiça, servindo de verdadeira bússola para a trajetória do Direito.

É assim que, por meio das construções literárias de Annie Ernaux, busca-se visualizar como a arte da narrativa é capaz de representar a justiça como um dos grandes temas da humanidade. A literatura é, portanto, instigadora de senso crítico, desencadeadora de novos horizontes, e, forma manifesta de resistência. Não é à toa que Direito e Literatura cruzam os caminhos da Justiça.

2. ANNIE ERNAUX E SUA OBRA: UM PRELÚDIO

O conjunto da obra de Annie Ernaux é constituído de 24 livros publicados desde 1974 (PIRES, 2022), mas foi a partir de “O lugar”, seu quarto livro, que “Annie Ernaux se tornou Annie Ernaux” (Pires, 2022, n.p.).

O que destaca a escritora francesa é sua expressão brusca e chocante que fala, ao mesmo tempo, de si e do tudo:

A imagem que Annie Ernaux usa para definir o que escreve é simples e substantiva como os títulos de seus livros: no lugar da caneta, uma faca. Ao escarafunchar a memória, a autora que só escreve sobre si para melhor falar do outro vê-se rasgando a própria carne e seu entorno, abrindo uma comunicação entre aquilo que lhe é próprio e o mundo (Pires, 2022, n.p.).

Em O Lugar, Ernaux relata a história de seu genitor, o que desde o início revela ser “uma história de vida regida pela necessidade” (Ernaux, 2021, n.p.). A escrita da autora é neutra

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

e a narrativa começa pelos momentos finais de seu pai, para depois vir a retomar sua trajetória desde a infância.

Algumas passagens servem para ressaltar a miséria da vida familiar paterna, marcada pela pobreza e falta de instrução em um nível que “a religião, bem como a higiene pessoal davam-lhes a dignidade” (Ernaux, 2021, n.p.).

O pai, cujo nome não é mencionado sequer uma vez durante o livro, saiu da casa de seus pais ainda criança para trabalhar em uma fazenda, perdendo aulas para ordenhar, colher maçã e feno e cuidar dos animais. O exército lhe permitiu conhecer o mundo (Ernaux, 2021) e, quando voltou da guerra, quis trabalhar em uma fábrica de cordas onde conheceu a mãe de Ernaux.

Com algum tempo de economia, o casal resolveu alugar um pequeno espaço para abrir uma mercearia, trabalho com o qual “admiravam-se de ganhar dinheiro de forma tão simples, com um esforço físico tão reduzido” (Ernaux, 2021, n.p.). Ainda assim, estavam “sempre no limite da miséria” (Ernaux, 2021, n.p.), assombrados pelo medo de voltar à classe operária. “Tinha gente mais infeliz que nós”, diziam (Ernaux, 2021, n.p.)

A primeira filha do casal morreu com sete anos, vítima de difteria. O pai se tornou ainda mais quieto, anestesiado, com crises melancólicas. A guerra de 1939 forçou o casal a procurar abrigo em outro local. Quando retornaram, a mercearia havia sido saqueada, e o sonho teve de começar do início novamente.

A guerra trouxe medo, fome e frio (Ernaux, 2021). Com o fim da guerra, mudaram-se de cidade, morando em uma casa de terra batida, sem luz elétrica e sem comida, época que Ernaux definiu pela palavra “privação” (Ernaux, 2021).

Entre bicos informais, o pai consegue comprar um espaço para reiniciar o sonho da cafeteria e do fim da vida de operário. “Em contraste com os anos de juventude, com os três turnos de oito horas das refinarias, com os ratos que entravam no café da Vallée: aqui a felicidade era evidente” (Ernaux, 2021, n.p.)

Para Ernaux, a recapitulação dessa parte da vida que dividiu com o pai é um misto de felicidade e sua condição alienante:

Ao escrever, caminha-se no limite entre reconstruir um modo de vida em geral tratado como inferior e denunciar a condição alienante que o

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

acompanha. Afinal, essa maneira de viver constituía, para nós, a própria felicidade, mas era também a barreira humilhante de nossa condição (consciência de que “em casa as coisas não estão lá tão bem assim”). (Ernaux, 2021, n.p.)

Duas roupas. Uma para todos os dias, outra para os domingos. Ernaux considerava isso um privilégio. “Não podiam dizer que eu tinha menos que as outras” (Ernaux, 2021, n.p.). Ainda assim, havia um “sentimento de falta constante, sem fim” (Ernaux, 2021, n.p.).

Com a melhora na condição financeira, a falta de instrução assumiu um papel muito grande no incômodo paterno. Ele falava o patoá, “uma coisa antiquada e feia, um traço de inferioridade” (Ernaux, 2021, n.p.).

Annie cresceu e, diferente do pai, teve acesso à educação. Livros e música a distanciaram do pai. Uma “distância cultural e hierárquica” (Ernaux, 2021, n.p.), agarrada com vontade por Ernaux, que não esconde, nos livros, a vergonha da inferioridade da classe.

Teve marido e filhos. Frequentou a academia, cursando Letras. Visitava os pais pouco, mas estava presente quando o pai morreu de uma doença com cujo nome não se importavam.

Em “O acontecimento”, o foco de Ernaux é sua gravidez indesejada, aos 23 anos. Sem conseguir dizer “gravidez”, ela dizia “isso”, “essa coisa” (Ernaux, 2022, n.p.). A gravidez, para ela, significava fracasso social:

A primeira a fazer um curso superior numa família operária e de pequenos comerciantes, eu tinha escapado da fábrica e do balcão. Mas nem o vestibular nem a graduação em letras puderam alterar a fatalidade da transmissão de uma pobreza da qual a filha grávida era, da mesma forma que o alcoólatra, o emblema (Ernaux, 2022, n.p.)

Ela nunca teve dúvidas quanto ao prosseguimento da gravidez. Os médicos não estavam dispostos a realizar o aborto, “a menos que eles preferissem sinceramente morrer a infringir uma lei que deixava as mulheres morrerem (Ernaux, 2022, n.p.). Encontraria uma “fazedora de anjos” (Ernaux, 2022, n.p.), ou, caso não encontrasse “diante de uma carreira destruída, uma agulha de tricô na vagina não pesava muito” (Ernaux, 2022, n.p.).

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

A ajuda que Ernaux buscava era contra a lei. “[...] era impossível determinar se o aborto era proibido porque ruim, ou se era ruim porque proibido. Julgava-se de acordo com a lei; não se julgava a lei” (Ernaux, 2022, n.p.)

A narrativa causa sofrimento no leitor porquanto elucidada, sem intempéries, a agonia de Ernaux. Enquanto ainda grávida, o livro discorre sobre a “interminável lentidão do tempo” (Ernaux, 2022, n.p.), o desinteresse na carreira e o arrastar do corpo prenhe, prenhez cuja capacidade intelectual não tinha sido capaz de afastar.

As passagens relatam “um sofrimento indizível” (Ernaux, 2022, n.p.), uma “exclusão do mundo normal” (Ernaux, 2022, n.p.), desolação, impotência, incapacidade de contar a alguém o ocorrido. Agulhas de tricô. Consultório médico. A tristeza ao receber o retorno de que tudo corria bem.

Mesmo quando a fazedora de anjos introduziu a sonda que significava liberdade para Ernaux, o sentimento foi de dor. “Pare de gritar, querida” (Ernaux, 2022, n.p.). Dias depois, Ernaux pega o feto do vaso com a mão, ainda preso pelo cordão umbilical, para esconder dos demais residentes da vila universitária em que morava, e levou-o até o quarto esmagado entre as coxas. “Eu era um animal” (Ernaux, 2022, n.p.).

Um feto de três meses, dentro de um saco de torradas vazio, desce pela descarga. A hemorragia forçou-a a ir ao hospital. Curetagem realizada, julgamentos recebidos, Ernaux foi para casa. Voltou a trabalhar em sua monografia. Voltou a escutar Bach e frequentar eventos. Transformou a violência vivida “em uma vitória individual” (Ernaux, 2022, n.p.) e dedicou o livro à fazedora de anjos.

A narrativa de Ernaux é fria e intimista. Os livros não foram feitos para vender, tampouco como frutos da carreira de uma escritora predestinada. Eles são “livros de ruptura” (Saccheta e Walks, 2022, n.p.), única forma conhecida pela autora de internalizar os traumas do passado.

Ainda assim, confirmando a frase de Ortega y Gasset exposta na epígrafe de Os anos, “Temos apenas a nossa história e ela não é nossa” (Ernaux, 2021, n.p.), tem-se que “a força da obra de Ernaux está justamente no cruzamento das dimensões individuais e coletivas, públicas e privadas, singulares e universais.” (Saccheta e Walks, 2022, n.p.).



É por isso que o leitor de Ernaux se vê impelido a comparar os relatos de Ernaux com a vida coletiva. Frente a tantas outras trajetórias tão ou mais pesadas que a de Ernaux, não diminui por isso a sensação de injustiça presente em seus textos. Injustiça na visão leiga e também a injustiça na visão de Nancy Fraser.

3. A JUSTIÇA FRASERIANA NA OBRA DE ERNAUX

Nancy Fraser (2013) destaca o fato de que “é bem possível que não exista contexto no qual debates públicos relativos à justiça sejam totalmente contidos dentro de limites definidos por um quadro de pressuposições constituintes” (Fraser, 2013, p. 740).

Há discordância teórica sobre o “espaço conceitual onde questões de justiça podem surgir” (Fraser, 2013, p. 741), albergando discussão sobre injustiças econômicas de redistribuição, questões culturais de reconhecimento (incluindo questões de nacionalidade e classe social) e questões de representação política (que incluem também questões de gênero e sexualidade) (Fraser, 2013).

No entanto, a teoria de justiça fraseriana alcança um espectro mais amplo de situações e histórias, visto que se aplica dentro desse conceito tridimensional de reconhecimento, redistribuição e representação. Fraser acredita que a justiça deve ser alcançada através da realização de arranjos sociais, de modo a permitir que todos os indivíduos participem como pares na vida social. Desse modo, superar a injustiça significa dismantlar os obstáculos institucionalizados que impedem alguns sujeitos de participarem, em condições de paridade com os demais, como parceiros integrais da interação social (FRASER, 2009, p. 17).

Partindo dessa premissa, facilmente se identificam os elementos de injustiça presentes na obra e, conseqüentemente, na vida de Ernaux. Os pais de Annie não tiveram paridade de condições na participação social. Sem acesso à educação, à emancipação de pensamento e vivendo nos dissabores do pós-guerra, criaram a filha para viver uma realidade oposta da que viveram. Annie relembra que seu pai via com “desconfiança o fato de a filha gostar de pensar e refletir” (Ernaux, 2021, p. 49). Para o pai de Annie, o trabalho braçal era o verdadeiro trabalho. Ernaux reconhece a distância que havia entre os dois, segundo ela, “uma distância de classe, mas bastante singular, que não pode ser nomeada”. Como um amor que se quebrou”

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

(Ernaux, 2021, p.14). A vida que ela encarou, tão diferente da história dos pais, “era uma representação ideal que eles faziam do mundo intelectual e burguês, inacessível aos dois” (Ernaux, 2021, p.56). Não há tempo, muitas vezes, de escolha para a classe trabalhadora, as coisas são feitas da forma como devem ser feitas para sobreviver.

Na busca pela compreensão do fenômeno da injustiça, Fraser aponta formas amplas de análise que incluem a injustiça econômica, a cultural ou simbólica e a dimensão política. Dessa forma, não ser beneficiado com o fruto do próprio trabalho, ser mal remunerado ou não receber remuneração e, dentre outros, ser privado de alguma forma do padrão de vida material posto, são elementos constitutivos da injustiça econômica (Fraser, 2006, p.232).

A injustiça na dimensão simbólica para Fraser pode ser identificada quando padrões culturais são discriminados por padrões culturais diferentes, podendo tornar invisível socialmente as práticas comunicativas, interpretativas e representacionais daquela pessoa cuja cultura é excluída, estereotipada e/ou desrespeitada (Fraser, 2006, p.232). Uma relevante questão para a teoria fraseriana é descobrir como focar no reconhecimento sem que se torne um algoz da redistribuição, de maneira que uma demanda não anule a outra.

A pauta do reconhecimento identitário traz reivindicações de reconhecimento cultural - se inserem aí os movimentos pelos direitos das mulheres. Em sua obra, Fraser defende que tão importante quanto o reconhecimento identitário são as questões de redistribuição, tornando-se pautas que devem caminhar lado a lado e não de forma oposta. Classe e status estão ligados e é por isso que mulheres, por exemplo, podem sofrer tanto pela classe social que ocupam, quanto pelo preconceito de gênero. Tal conflito pode ser visualizado na obra de Ernaux quando ela se descobre grávida, estudante e solteira e confessa que “estabelecia uma ligação entre sua classe social e o que estava acontecendo com ela (a gravidez indesejada), e o que crescia dentro dela era, de certa maneira, o fracasso social” (Ernaux, 2022 p.17).

A dimensão política da teoria de Nancy Fraser conecta a injustiça à má ou falta representação política. Tal dimensão diz respeito à natureza da jurisdição do Estado e das regras de decisão pelas quais ele estrutura as disputas sociais, além de fornecer o palco em que as lutas por redistribuição e reconhecimento são conduzidas. Focada em questões de pertencimento social e procedimentos que estruturam os processos políticos de contestação, essa nova dimensão diz respeito prioritariamente à representação (Fraser, 2009, p.16).

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

Nancy Fraser se encarrega de situar questões de gênero dentro dos impasses que cercam as teorias de justiça na contemporaneidade. Ernaux se encarrega de narrar o embrutecimento da classe trabalhadora advindo do capitalismo e a opressão e dominação patriarcal sob os corpos das mulheres. Essa narrativa, vista sob a ótica da teoria de Fraser, parece traduzir a história não só de Ernaux, mas de muitas mulheres.

Se denota, portanto, que as injustiças Ernauxianas, descritas em textos de índole auto ficcional cru e impactante, se encontram englobadas na teoria de justiça de Nancy Fraser.

De pronto, uma das mais marcantes circunstâncias traumáticas da vida de Ernaux é a infância vivida na pobreza, a dor da privação de alimentos e da condição ameaçadora de operário da qual o pai passou a vida fugindo. Fica evidente a falta de justiça a nível de redistribuição, que condenou a família de Ernaux à inferioridade social que deixou tão notáveis traumas na autora que vieram a se revelar somente através de sua obra-ruptura-de-si-mesma.

Ademais, o leitor de Ernaux é apresentado à baixa escolaridade da família de Ernaux, que foi rompida somente por ela, a primeira a acessar o nível superior de educação. O dialeto falado pelos pais, o patoá, é motivo de embaraço, e a ascensão social a um nível burguês e culto distancia Ernaux de sua família, com quem não consegue mais conversar com naturalidade. É indelével a presença de uma injustiça de reconhecimento, através da qual é construído um vão hierárquico entre a professora de Letras Annie Ernaux e o pai que teve de largar a escola ainda criança.

Por fim, o aborto de Ernaux, ato criminoso na época, e a forma como ela denuncia a opressão ao corpo feminino e o extremo sofrimento ao ver-se obrigada a manter uma gravidez indesejada embrulha os estômagos dos leitores – sensação que não passa mesmo após a descoberta de que, no final do mesmo ano em que Ernaux lutou pela sua própria vida e liberdade, a ministra de justiça Simone Veil legalizaria o aborto na França (Pires, 2022), livrando todas as mulheres que haveriam de passar pela mesma situação de Ernaux, mas com o direito de legislar sobre o próprio corpo com segurança. Essa vitória foi possível graças ao movimento político feminista da época, que se importava com a justiça representativa emprestada da teoria fraseriana.

Ernaux justifica sua necessidade em escrever sobre sua experiência, alegando direito imprescritível de relato completo, sob pena de estar contribuindo para obscurecer a realidade



das mulheres e se acomodando do lado da dominação masculina do mundo (Ernaux,2022 p.32). Fraser, com sua teoria de justiça contemporânea e Ernaux, com sua narrativa atual de experiências do passado, cada uma a sua forma, contribuem para a reflexão do movimento feminista. A história dos direitos das mulheres é escrita a muitas mãos.

4. (IN)JUSTIÇA: ERNAUX, FRASER E O IMAGINÁRIO SOCIAL

Annie Ernaux recebeu o prêmio Nobel de literatura em 2022. Em seu discurso, a autora afirmou o desejo de escrever para vingar seu povo e seu sexo:

Very quickly too, it seemed self-evident – to the point that I could not imagine any other way to start – to anchor the story of the rift in my social being in the situation that had been mine as a student, a revolting situation to which the French state still condemned women, the need to seek out clandestine terminations at the hands of backstreet abortionists. And I wanted to describe everything that had happened to my girl’s body; the discovery of pleasure, periods. And so, without being aware of it at the time, that first book, published in 1974, mapped out the realm in which I would situate my writing, a realm both social and feminist. Avenging my people and avenging my sex would, from that time on, be one and the same thing.(The Nobel Prize Foundation, 2022, n.p.)⁴

Ernaux declarou que gostaria de dividir o prêmio com todos aqueles que esperam por mais liberdade, igualdade e dignidade para todos os seres humanos. A escrita, para ela, seria um modo de alcançar justiça:

I proudly and naively believed that writing books, becoming a writer, as the last in a line of landless labourers, factory workers and shopkeepers, people despised for their manners, their accent, their lack of education, would be enough to redress the social injustice linked to social class at birth. That an

⁴ “Muito rapidamente também me pareceu evidente – a ponto de não imaginar outra forma de começar – ancorar a história da ruptura em meu ser social na situação que havia sido minha como estudante, uma situação revoltante para que o Estado francês ainda condenava as mulheres, a necessidade de buscar interrupções clandestinas nas mãos de abortistas clandestinos. E eu queria descrever tudo o que havia acontecido com o meu corpo de menina; a descoberta do prazer, períodos. E assim, sem que me desse conta na altura, aquele primeiro livro, publicado em 1974, traçou o domínio em que eu iria situar a minha escrita, um domínio simultaneamente social e feminista. Vingar meu povo e vingar meu sexo seria, a partir de então, a mesma coisa.”, em tradução livre

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

individual victory could erase centuries of domination and poverty, an illusion that school had already fostered in me by dint of my academic success. How could my personal achievement have redeemed any of the humiliations and offences suffered? (The Nobel Prize Foundation, 2022, n.p.)⁵

Em seu discurso, a francesa esclareceu um “potencial emancipatório da literatura produzida por que ‘vivenciaram diretamente’ o impacto das opressões de classe, raça ou gênero.” (O Globo, 2022).

Ernaux acredita que um livro pode mudar a vida privada e permitir que os seres se reinventem. Para ela, ao escrever sobre o indizível, ele se torna político (The Nobel Prize Foundation, 2022). Daí se retém que o leitor consegue captar da leitura de Ernaux uma concepção do justo e do injusto, em uma visão leiga que, como comprovado no capítulo anterior, vai ao encontro de uma visão teórica.

A compreensão da temática da justiça alcança, assim, o leitor privado, mas também o coletivo – no imaginário social – depreende importantes ideais de justiça social (de reconhecimento, redistribuição e representação, mesmo sem dominar esses conceitos). Annie Ernaux afirma que “ver pela imaginação ou rever pela memória é a parte que cabe à escrita”(Ernaux, 2022, p.35)

A justiça conhecida, aquela dos tribunais, dos fóruns e dos processos, perde força frente à desilusão da realidade da vida de cada um e daquela realidade narrada nas obras ernauxianas. Ao longo dos anos, um dos principais objetivos dos legisladores e teóricos se tornou a busca pela qualidade e igualdade na prestação jurisdicional. No entanto, de tempos em tempos, é preciso rememorar que lei não é sinônimo de justiça.

Para Ernaux, por exemplo, a lei que proibia o aborto era injusta. A atitude dos médicos que se recusavam a atender a vontade das pacientes era injusta, eles jamais colocariam suas carreiras a perder “a menos que preferissem sinceramente morrer a infringir uma lei que deixava

⁵ “Com orgulho e ingenuidade, acreditei que escrever livros, tornar-me escritor, como o último de uma linhagem de trabalhadores sem-terra, operários e lojistas, pessoas desprezadas por seus modos, seu sotaque, sua falta de educação, bastaria para reparar a injustiça social ligada à classe social ao nascer. Que uma vitória individual pudesse apagar séculos de dominação e pobreza, ilusão que a escola já havia alimentado em mim por força do meu sucesso escolar. Como minha realização pessoal poderia ter redimido alguma das humilhações e ofensas sofridas?”, em tradução livre.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

as mulheres morrerem” pois segundo a própria Ernaux julgava-se de acordo com a lei, não se julgava a lei (Ernaux, 2022, p.25).

O Direito e a lei, mais do que ocuparem-se do aspecto formal, devem estar abertos às demandas sociais que se impõem pela realidade e acabam refletidas pelo imaginário social. As normas que não suprirem os anseios sociais considerando os fenômenos jurídicos tal qual são experimentados pelas pessoas estarão mais próximas da injustiça do que do ideal justiça. Na medida em que a Justiça e o Direito incorporarem uma leitura plural da realidade cotidiana social estarão afirmando suas dimensões democráticas.

Parece existir, neste momento histórico-temporal em que se vive, uma reprivatização das relações sociais. Ou seja, há hoje, em face do modelo de sociedade atual, um acentuado reforço nas relações sociais privadas, especialmente porque a sociedade globalizada, do risco e da insegurança, determina certos “alvos” de grupos vulneráveis para que sofram as consequências das pressões sociais exemplificativamente. Não obstante, o chegar a ser parte lesada, hoje, não pode ser considerado um incidente individual, senão também um problema de política social.

E é desse lugar de coletividade que Annie encontrou coragem para seguir, “saber que se preparava para fazer o que tantas outras já tinham feito antes dela também dava forças”(Ernaux, 2022, p.31). Arruza, Bhattacharya e Fraser, no entanto, alertam para o fato de que embora todas as mulheres sofram a opressão misógina capitalista, essa opressão inevitavelmente vai assumir diferentes formas. Segunda elas “as associações entre as diferentes formas de opressão devem ser reveladas no âmbito político por meio de esforços conscientes de construção da solidariedade”(Arruza et al., 2019, p. 81) . Fraser afirma que o poder coletivo transformador é conquistado por meio da diversidade.

É assim que a literatura, em especial a analisada nesta obra, ajuda seus consumidores a construir uma mentalidade que, além de engajar consciências, “fornece recompensas materiais para a submissão e aquiescência que superam quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que é preciso estar constantemente engajado em novas maneiras de pensar e ser “(Hooks, 2020, p. 57).

O pensar e ser para Ernaux encontram fundamento em sua escrita, quando através dela, consegue dissolver sua existência na cabeça e na vida de outras pessoas (Ernaux, 2022, p.68).

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

Em uma entrevista, Ernaux disse que continua “sendo habitada pela raiva e, é preciso dizer, pela impotência, diante do abismo que separa categorias inteiras da população e da ausência de uma solução política para isso.” (Cervera-marzal, 2023, n.p.).

O presente artigo mostra que Nancy Fraser traz a solução política almejada por Ernaux, em sua teoria de justiça que demonstra acepções de reconhecimento, redistribuição e representação que, se já tivessem sido postas em prática, teriam eliminados muitos dos momentos dolorosos da trajetória de Ernaux que causam no leitor a sensação de injustiça.

É por isso que a justiça está diretamente conectada às verdadeiras condições de existência do ser e seu ideal está enraizado no imaginário social como utopia de uma vida digna. O ideal de justiça para Fraser e Ernaux, é um ideal feminista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra de Annie Ernaux, a partir da teoria de justiça de Nancy Fraser, permitiu repensar se é realmente legítimo o que se chama de ideal de justiça na atualidade ou se apenas mudaram as formas de opressão e as imposições sociais seguem impedindo a liberdade crítica dos indivíduos.

As histórias analisadas nas obras são sempre tanto individuais quanto coletivas, e narram as injustiças de uma vida não ficcional, mas literal, que se une à teoria fraseriana involuntariamente, pelas características culturais, socioeconômicas, simbólicas e materiais que apresenta e, igualmente, pela possibilidade de fazer com que os leitores se reconheçam um pouco em cada história.

Nesse contexto mostrou-se necessário conceber a forma como a perspectiva da literatura opera na construção social do que é justo e como pode ser entendida como ferramenta emancipatória para autorreflexão, fazendo com que se perceba como realidades são impostas, fantasiadas de mudança e revolução.

A literatura, avessa às convenções e com o atributo da liberdade, pode chegar mais perto do ideal de justiça, coisa que o Direito por vezes parece esquecer, assim como pode demonstrar

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

que tanto a realidade quanto a ficção não obedecem aos preceitos de justiça que acabam tomando contornos utópicos.

O presente escrito contribui como instrumento para se estabelecer uma relação com a literatura que sirva para promover mudanças no campo da justiça, de forma a desenvolver uma concepção de ação coletiva que respeite as subjetividades de reconhecimento e distribuição instituindo novos paradigmas no campo político e da social democracia. E, assim sendo, mais histórias de igualdade e justiça social serão escritas, na realidade e na ficção.

REFERÊNCIAS

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CERVERA-MARZAL, Manuel. Como a questão de classe moldou a obra de Annie Ernaux. Centro Feminista de Estudos e Assessoria.S.I, 31 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=5945:como-a-questao-de-classe-moldou-a-obra-de-annie-ernaux&catid=564>. Acesso em 19 mar. 2023

ERNAUX, Annie. *O lugar [livro eletrônico]*. Tradução de Marília Garcia. Fósforo, 1ª ed. São Paulo, 2021. ePub.

ERNAUX, Annie. *O acontecimento [livro eletrônico]*. Tradução de Isadora Pontes. Fósforo, 1ª ed. São Paulo, 2022. ePub

ERNAUX, Annie. *Os anos*. Fósforo, 1ª ed. São Paulo, 2021.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

FRASER, Nancy. *Justiça Interrompida: reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”*. São Paulo: Boitempo, 2022.

XI CIDIL Colóquio Internacional
Direito e Literatura

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

FRASER, Abnormal Justice. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 108, p. 739-768, jan/dez 2013.

FRASER, Nancy. Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 77, p. 11-39, 2009.

HOOKS, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

O GLOBO. *Annie Ernaux reafirma desejo de escrever para 'vingar' pobres e mulheres em discurso do Nobel*. S.L., 2022. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/12/annie-ernaux-reafirma-desejo-de-escrever-para-vingar-pobres-e-mulheres-em-discurso-do-nobel.ghtml>. Acesso em 30 jan. 2023.

PIRES, Paulo Roberto. Escrito a faca. *Quatro cinco um: a revista dos livros*. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/critica-cultural/escrito-a-faca>. Acesso em 30 jan. 2023.

SACCHETTA, Paula. WALKS, Jonas Tabacof. Os anos de Annie Ernaux: o lugar da mulher em texto e filme. *Revista Cult*. São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/os-anos-de-annie-ernaux/>. Acesso em 30 jan. 2023.

THE NOBEL PRIZE FOUNDATION. *Annie Ernaux – Nobel Prize lecture*. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach, 2022. Disponível em:

<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2022/ernaux/lecture/>. Acesso em 30 jan. 2023.